

































































































































































































por meio do intervalo, não pela conexão (...) O espectador torna-se artista na arte oriental porque ele deve suprir todas as conexões. ” (apud CAMPOS, 1969, p. 81)

Os poemas minutos do poeta Oswald de Andrade servem como bom exemplo para falar das possibilidades de leitura geradas pela falta. Falta aqui entendida não como um prejuízo ao poema e sim como um recurso que permite ao leitor participar da construção reflexiva dos versos. A leitura desses breves poemas ao mesmo tempo em que se esgota rapidamente, multiplica-se através do silêncio, do espaço deixado na folha, no peso das palavras que estão ali e na sombra das que não estão.

A falta não está no poema, é o leitor que ao experimentar uma quebra de expectativa tem o sentimento de que há ou que deveria haver mais coisas ali e que ele deve suprir essa necessidade, porém não há como fechar o sentido do poema, as sugestões que ele aponta não são equivalentes a uma verdade inquestionável.

#### **Adolescência**

Aquele amor  
nem me fale  
(ANDRADE, 1971, p.160)

No poema ‘Adolescência’ infere-se tratar de um amor no passado que tanto pode associar-se a uma experiência positiva ou negativa. O poema sugere muitas coisas, abre-se para a possibilidade de ter sido um amor correspondido ou não, de ter havido uma relação ou ter sido simplesmente platônico, de ter causado dor ou alegria, saudades ou aversão. Ele pode perfeitamente se movimentar em todas essas possibilidades e ainda escapar de todos esses sentidos.

#### **Crônica**

Era uma vez  
O mundo  
(idem, p.171)

Em “Crônica” a expectativa do ‘Era uma vez’, que sugere o início de uma história, um conto de fadas, uma crônica, é quebrada com o fim inesperado, com a falta de narrativas. A história desse mundo poderia partir de várias perspectivas, e ao mesmo tempo em que não aborda nada específico engloba muitas coisas. E ainda pode traçar um caminho contrário em que não está anunciando o início do mundo e sim o seu fim.

#### **3 de maio**

Aprendi com meu filho de dez anos  
Que a poesia é a descoberta  
Das coisas que nunca vi.  
(idem, p.104)

A simplicidade da noção de poesia trazida por um menino de 10 anos, como sendo a descoberta das coisas que ele nunca viu, parece ingênua demais. Ampliando as possibilidades cruza-se com algumas questões que podem levar o poema para uma dimensão maior do que ele indica.

Primeiro, para falar das coisas que nunca viu é preciso saber o que já foi visto. Em segundo o descobrimento, por intuição, liga-se a uma busca. Buscar o que nunca se viu é permitir-se a surpresa. Descobrir pode associar-se também a tirar aquilo que esconde, encobre alguma coisa.

Chegaríamos então a definição de que a poesia reordena tudo aquilo que já se sabe, e faz com que as coisas se revelem de forma renovada, nunca antes experimentada. Descobrir é reorganizar, é limpar o olhar para conseguir alcançar as imagens e as emoções que só a poesia pode proporcionar.

### **Relógio**

As coisas são  
 As coisas vêm  
 As coisas vão  
 As coisas  
 Vão e vêm  
 Não em vão  
 As horas  
 Vão e vêm  
 Não em vão  
 (idem, p.188)

Em uma análise estrutural, no poema acima os versos constroem-se de forma a imitar o movimento do ponteiro do relógio, efeito criado pela repetição. ‘As coisas’ possuem sentido ambíguo, podem referir-se a uma infinidade de temas, de objetos, sentimentos, etc. No poema parece relacionar-se mais diretamente ao tempo e a sua passagem. O tempo passa, as horas vão da mesma forma que vêm. Não há imobilidade nem do tempo e nem das coisas, ambos estão sempre em um movimento de vinda e ida. O relógio materializa o tempo, marca sua passagem e também a possibilidade de renovação dele.

As experiências de leitura, curvando-se para os detalhes, as sutilezas, as delicadezas demonstram que há, na experiência de leitura, um gesto individual, insondável e marcado pelo silêncio, pela solidão. O fio da delicadeza puxa os conceitos de imagem, de memória, de emoção por acontecer nas camadas mais profundas. Na mesma medida em que o leitor é pego pelo texto e tem seu fundo revirado, seus segredos revelados; o texto também persegue o leitor porque passa a fazer parte dele, criando sombras, ecos e fazendo exigências.

Os traços de humanidade que a arte de um modo geral suscita no homem é o da empatia, é entender o lugar do outro e ser capaz de habitá-lo em todas as suas nuances. É a movimentação do entendimento, um olhar que não se fixa em um único ponto e permite-se participar de uma fonte de purificação inesgotável.

Purificar-se, renovar-se, descobrir-se através dessas experiências que permitem reformular nossas vivências e expectativas frente ao mundo e frente a nós mesmos. É a possibilidade de silenciar-se e ainda assim manifestar-se. É permitir o distanciamento da realidade para conseguir enxergar melhor a casa, para melhor habitá-la.

## 6 ORIDES FONTELA: UM ENCONTRO DELICADO

Ali, frente a sua máquina de escrever, no silêncio de seu modesto apartamento no centro de São Paulo ela iniciava sua jornada, escavando as palavras como se fosse terra, tecendo e destecendo versos como uma rendeira. Poesia para ela era coisa séria, exigia tempo, dedicação, respeito. Dizia que às vezes os versos pintavam assim quase prontos, outras vezes necessitavam de um tempo esquecidos na gaveta até que pudessem ser retomados.<sup>10</sup>

Quando ela nos diz que alguns de seus poemas já nascem prontos e outros necessitam de um tempo esquecidos para depois serem retomados, fala de certa independência deles. Independência que pode culminar em sua morte ou vida pelas mãos da poeta. Existem aqueles que não querem morrer, que vez ou outra retornam, como aconteceu com seus sonetos que foram retomados em *Rosácea*. (apud MATOS, p.52). Eles fluem e seguem um caminho independente daquilo que se espera, quando se espera alguma coisa.

O processo de escrita exige solidão e recolhimento, não pode ser compartilhado, escrito a duas mãos, é quase uma imposição do próprio escrever. A veia constitutiva que faz com que o autor se reconheça em seu texto, as marcas estilísticas formadas pelos pensamentos, memórias, conhecimentos, procedimentos é o que o diferencia dos outros escritores. O novo na arte não se constitui pelo inédito, no sentido do que nunca foi dito ou escrito, e sim pela forma que os poetas, escritores apresentam a sua consciência de mundo, em processo contínuo de releitura do passado para apresentá-lo de forma que imprima nela sua personalidade.

Fato é que a escrita traz consigo mistérios que não são desvendáveis. A tarefa de elencar os métodos criativos de um escritor a ponto de esgotá-lo e de se chegar a um denominador comum não pode ser cumprida totalmente. A subjetividade, os diferentes caminhos que podem ser percorridos revelam a dificuldade de se encontrar um ponto de partida e de chegada de um texto.

A poesia em seu estado de contemplação e gozo conduz para um lugar desconhecido e empolgante, porque quanto maior a consciência de que não há certezas absolutas em uma interpretação, maior é a vontade de habitar esse universo e ser tocado por ele.

Os primeiros poemas escritos por Orides ainda na infância certamente se diferem daqueles que escreveu mais tarde, já com um percurso criativo e temático mais amadurecido.

---

10 A um passo do pássaro. Direção: Ivan Marques. Exibido em 2000 pela TV Cultura. Acesso em: 17/03/2021.

Disponível em: <https://youtu.be/19XbX8JTMXI>

Decerto também, ela não conseguisse visualizar sua obra concluída, tal como se apresenta hoje para nós leitores, uma vez que só é possível saber para onde um percurso nos leva ao percorrê-lo. Por isso sondar os caminhos criativos de um escritor exige cautela, porque esse terreno ao mesmo tempo em que é empolgante é escorregadio e impreciso.

A escrita oridiana pode ser perseguida a partir de vários fios, como o da impessoalidade, da poesia etérea e meditativa, filosófica, lúcida, etc. por apresentar um leque de possibilidades. Elejo um fio, a delicadeza, e sigo-o em estado permanente de desconfiança.

Versos substantivos, amalgamados com sutileza. Símbolos que se iluminam e ganham um novo propósito anunciam uma poesia que busca no que mal se vê, na dinâmica da vida moderna seu altar. Longe dos excessos, a cisão dos versos demonstra uma poética enxuta que deseja justamente alcançar a originalidade dos signos. O que se perde no olhar apressado e no uso cotidiano das palavras encontra seu auge semântico na poesia.

A consciência do eu-lírico de que o tecido da linguagem é inesgotável determina uma permanente procura pela textura poética como refinamento da palavra. O uso frequente do prefixo *des* nos versos da poeta revela dois traços fundamentais de sua poesia. O primeiro tradus a obsessão pela desmontagem dos sentidos, pois ao romper e/ou desfazer metáforas e combinações consagradas, a poeta recria e dá novos sentidos à palavra, colhida numa mesma fonte: a linguagem. O segundo revela a voz construtiva (artesã) do sujeito-lírico (desfaço/ faço), sempre disposta a transcender e a desvelar a estrutura poética, testando os limites do ser e da palavra, a fim de reafirmar sempre o instante poético como único e distinto. (BUCIOLI, 2003, p.200)

Acreditava no processo poético de decantação das palavras, interessava-lhe ser rápida e rasteira, definindo assim seus poemas curtos. Amparava-se na tradição clássica para levantar a bandeira de que somente através da escrita poética as palavras retornariam ao seu berço de origem, apontando também para o enxugamento de seus versos: usar poucas palavras, e as corretas, para dizer o que pretendia, sem fechar o poema abrindo uma gama maior de possibilidades interpretativas.

Bem, se não resolve de tudo, pelo menos a poesia existe com a função de preservar e purificar a língua, isto segundo – meus irmãos mais velhos não me deixam mentir! – T.S Eliot, em A função social da poesia, e, em definitivo, Mallarmé, Donner un sens plus pur aux mots de la tribu, daí a ideia não é só língua, que é a própria língua se manifestando em seu ser mais profundo, que seria sacrilégio e besteira desvirtuar as palavras e usá-las assim. (apud MATOS, p.29)

A palavra tinha um valor quase divino para Orides e sua preocupação era a de preservar sua originalidade, higieniza-las de seu uso distorcido no cotidiano. Enxugar os versos, tecendo-os e destecendo, em um processo de criação que passa pelo construir destruindo está de acordo com essa ideia quase espiritual de respeito e devoção pelas palavras.

“Menina, minha menina/ Faz favor de entrar na roda/ Cante um verso bem bonito/ Diga adeus e vá-se embora”. Essa é a epígrafe do segundo livro de Orides, “Helianto”, publicado em

1973. Uma inocente cantiga de roda que em sua obra ganha uma dimensão completamente diferente. Uma quadrinha inocente que iluminada nesse espaço poético representa a vida em movimento e sua expiração. Entrar na roda é o nascimento, a origem, cantar um verso bonito são os feitos e depois de tudo cumprido ir embora, se despedir.

Villaça <sup>11</sup> ao se recordar da moça de postura inquieta e aparência incomum relembra como ficara surpreso ao saber que aquela pessoa que tinha causado tamanho incômodo era a poeta Orides Fontela, “Se vens a uma terra estranha/ curva-te/ se este lugar é esquisito/ curva-te/ se o dia é todo estranheza/ submete-te/ - és infinitamente mais estranho” e lembrou-se dos versos de “Iniciação” (FONTELA, 2015, p.224) que parecia uma resposta para os seus julgamentos apressados baseados no senso comum. Sobre seus versos diz haver nela uma capacidade de renovar os símbolos que elege, fazendo com que habitem novos lugares.

Parece ser de comum acordo entre os estudiosos da poeta que ela era uma entusiasta da palavra, levando o seu uso às últimas consequências. Sua preocupação não era simplesmente a de higienizar as palavras, tirá-las do uso cotidiano, mais também a de reordena-las de forma a atingirem sua essência primitiva e original. A poesia lhe dá essa possibilidade e tal qual o trabalho minucioso de um artesão ela se apropria de seu material de criação em processo particular que envolve des-fazer para depois re-fazer.

#### **Penélope**

O que faço des  
                   faço  
 o que vivo des  
                   vivo  
 o que amo des  
                   amo

(meu “sim” traz o “não”  
                   no seio).  
 (FONTELA, 2015, p.189)

O mito de Penélope, que esperou a volta de Ulisses por mais de vinte anos e livrou-se de ter que se casar com outros pretendentes usando da artimanha da confecção de uma colcha que tecia durante o dia e a noite desfazia, é retomado nos versos oridianos e ilustram esse fazer poético que parte da destruição. Há sempre o confronto entre cargas positivas e negativas, o sim traz o não, o amor o desamor, o viver o desviver, o fazer o desfazer em um jogo de palavras que indicam um processo contínuo, um ciclo que não se fecha.

---

11 Fala no “Colóquio Orides Fontela: 50 anos de transposição.” Mesa 1. Disponível em: [https://youtu.be/Y\\_xni1MNC1M](https://youtu.be/Y_xni1MNC1M)

Duas características são fundamentais para a sua escrita: a transgressão e o combate. A transgressão diz respeito ao ir além do que lhe é posto, do que se espera, como no poema acima, em que ela quebra as dualidades e cria um novo lugar. Em um contexto de produção que volta os olhos para os problemas sociais e políticos do Brasil ela, ao contrário, direciona seu olhar para as questões filosóficas do ser e da existência e das reflexões acerca da própria poesia. Enquanto algumas poetisas estavam preocupadas em escrever poemas que carregassem a marca do feminino, ela se incomodava com o simples fato de ser chamada de poetisa.

O combate é se colocar frente a frente com os poemas, encará-los, em sua forma e vazios. O jogo reflexivo faz com que o leitor seja de alguma forma confrontado pelos versos, sua crueza e lucidez se não terminam por fim em uma interpretação possível, geram ao menos um desconforto. Como desler o já lido? Como fugir a essas sensações? Espreitamos os versos ou eles no espreitam?

#### **As sereias**

Atraídas e traídas  
atraímos e traímos

Nossa tarefa: fecundar  
    atraindo  
nossa tarefa: ultrapassar  
    traindo  
o acontecer puro  
que nos vive.

Nosso crime: a palavra.  
Nossa função: seduzir mundos.

Deixando a água original  
cantamos  
sufocando o espelho  
do silêncio.  
(Fontela, 2015, p.121)

Os versos, assim como as sereias, nos atraem para depois nos trair. Esse jogo com as palavras ‘trair’ e ‘atrair’ no poema ilustra o jogo sedutor da poesia; o trair relaciona-se a uma quebra de expectativa, de acordo, a atração ao puxo, a rendição. A tarefa de fecundar atraindo e ultrapassar traindo é dar vida a uma ideia, lançar uma semente sem saber o que/ ou se florescerá. É ir além do que se espera e passivamente aceitar, pois uma vez atraído não há como fugir ou ignorar.

Os versos podem dizer muito e também podem cravejar um silêncio que ensurdece e assombra. Fecundo ou estéril não há como saber previamente; o espaço de um poema pode ser igualmente desconhecido e íntimo. O acontecer puro e que nos vive é o processo de leitura, do encontro, da aproximação entre leitor e poema. Vivemos o poema e ele nos vive. O crime é a

palavra, pois seu lado pode ser tanto do esclarecimento, da luz, quanto da dúvida, da penumbra. Os mundos que seduzem são os nossos, com as vias de entendimento e significação possível, a miscelânea do uso afasta as palavras de suas águas originais, o canto que sufoca o silêncio.

Seduzir e prender, gerar comoção, assim como nos lembra a pesquisadora Cleri A. B. Buciolli:

A poesia de Orides revela-se hermética, sedutora e inquietante. A inexplicável comoção despertada por seus poemas promove uma cumplicidade entre o leitor, o poeta e a palavra. Orides faz poesia ao apreender, pela palavra, os sentidos profundos do tempo, do ser e da linguagem. (BUCIOLLI, 2003, p.198)

Essa capacidade dos poemas de atravessarem o leitor, capturando os sentidos profundos do ser, do tempo e da linguagem funcionam como a engrenagem principal que faz com que se encontrem, leitor e poema, em um espaço íntimo de meditação e embate. A energia vital dos versos oridianos encontra-se na capacidade de fecundar as palavras no espaço poético, apresentando-as em seu estado econômico, lúcido e vigoroso.

#### **Teia**

A teia, não  
mágica  
mas arma, armadilha

a teia, não  
morta  
mas sensitiva, vivente

a teia, não  
arte  
mas trabalho, tensa

a teia, não  
virgem  
mas intensamente  
prenhe:

no  
centro  
a aranha espera.  
(Fontela, 2015, p.309)

Através da figura da teia de aranha é possível estabelecer uma relação que permite visualizar como a delicadeza atua em seus versos. Os fios quase invisíveis que confeccionam a teia, que se entrecruzam para dar forma à armadilha, leves, porém resistentes traduzem as palavras em seu vigor máximo. Tecer e materializar a forma, ela não é mágica, não é ilusão, ela está lá, viva, sensitiva.

O poema se constrói como uma teia e tem como sombra o sentimento de tensão, como se algo estivesse espreitando, esperando para atacar. Sabemos da existência da aranha pela teia, mas sua revelação acontece somente ao final e o leitor é puxado para o centro, ele é a presa. O

olhar direciona-se do centro para cima e podemos visualizar toda a extensão da teia. Aranha, teia e presa parecem fundir-se em uma única significação. Partilha-se do poema em um ato de cumplicidade e entrega.

A teia que é viva, que sente, que não é arte de inspiração, mas trabalho, que está cheia de vida, de extensões é o vestígio da aranha, de sua vida. Assim também, o poema vai deixando vestígios, rastros, visíveis ou não, existem, estão lá. São como teias que nos contam da existência da aranha e de nós mesmos.

Discorrer sobre a atuação da delicadeza nos versos de Orides Fontela é percorrer um caminho distante do pensamento comum a respeito do que é delicado, aparecendo como sinônimo de fragilidade, sensibilidade no sentido do que é facilmente abalado, tocado. Em uma genealogia diferente, a delicadeza vem como um fator de força poética, espreitando palavras como tempo, contemplação, sutileza, confronto.

“Sem ser um código de etiqueta nem de ética; a delicadeza caminha por uma genealogia distante do excesso, categoria que fascinou tanto a modernidade, e se encarnou em tantas manifestações de vanguardas, traduzida como estratégias de confronto, ruptura e choque.” (LOPES, 2007, p.161) esse excesso que na modernidade era usado como estratégia de confronto, na obra da poeta, dá lugar a um enxugamento, uma economia de palavras, que criam imagens, sentidos que resultam no mesmo efeito.

O que ocorre então é uma inversão de estratégia, os poemas oridianos vivem em um espaço de comedimento das palavras, que existem em seu significado pleno e primeiro, sem amarras, distorções. É a palavra cristalizada, ou seja, visível e palpável em toda sua extensão. A inquietação se dá pela revelação desse novo lugar de existência em que o já conhecido, o dito e ouvido tantas vezes se reacende, exibindo toda sua vitalidade e força.

Esse fator de atração e captura nos poemas não necessariamente geram sensações positivas, em uma experiência de deleite e gozo, na maioria das vezes o que se experimenta é o desconforto da violência da quebra dos versos, o silêncio impositivo do branco da folha e a agudez da palavra em sua emergência.

Em “Ode III” o sentimento do eu-lírico é de angústia diante do peso da vida apesar de parece ser algo sereno e mecânico, um simples ato de respirar e entrega aos dias. Mais há um amargor, um peso revelado pela complexidade do ser, da luz e do tempo. Os versos “Meia lua. / Meia palavra. / Meia vida. // Não basta?” (FONTELA, 2015, p.80) seguem pela mesma via interpretativa, onde o ‘não bastar’ alude ao peso e as exigências da vida, que pede uma completude custosa de se alcançar. Da metade têm-se a falta que não pode ser ignorada e o silêncio de não conseguir preencher esse vazio.

### Ode III

Pouco é viver  
 mas pesa  
 como todo o ser  
 como toda a luz  
 como a concentração do tempo.  
 (FONTELA, 2015, p.70)

A carga de energia e as possíveis interpretações do poema podem, em uma leitura apressada, ser ignoradas. É através de um olhar atento que ele revelará seus múltiplos ordenamentos e narrativas. A atenção revela a palavra em sua espessura, seu viço.

Mesmo com desatenção e com uma compreensão mínima, como tratar-se de um poema de desafoço, os versos podem gerar sensações de assombramento. A sutileza revela-se na economia das palavras, em que somente o essencial é usado, e sua organização estrutural conduz para uma leitura rápida que parece buscar uma relação com os próximos versos, o que não acontece.

A falta de elementos que vinculem uma palavra à outra ou que estabeleçam um sentido objetivo criam esse desconforto. Ser, luz e tempo apesar de sugerirem uma conexão com a vida, estão como termos soltos, que por eles mesmos podem conduzir a caminhos distintos.

O que acontece é que há um desejo intrínseco de fechar o poema, busca-se objetivamente afirmar que a vida pesa da mesma forma que o ser, a luz e o tempo. No entanto, por serem termos complexos, fica a hesitação da afirmativa. A tarefa de esgotar sua definição é árdua.

A brincadeira com o título revela também uma dificuldade, ode, normalmente, entre os gregos, eram poemas líricos alegres destinados ao canto. O que se têm, porém, é um sentimento de desânimo em que a vida parece não ter muita importância, mais impõe uma sobrecarga.

A cada volta a leitura do poema novas abstrações. Ser, luz e tempo são partes componentes da vida, ainda, é ‘o ser’ sujeito, ou ‘o ser’ verbo, o tempo concentra a vida ou a vida é a concentração do tempo, e assim estende-se.

O importante aqui é demonstrar que a delicadeza com que os versos foram escritos implicam uma experiência de leitura que se expande através da atenção. Seja pelas palavras tomadas uma a uma, ou pela renovação da leitura, ainda pelo convite a reflexão da página em branco. Os versos tão precisos e sutis emergem das páginas e adentram a mente, por causa da facilidade em serem lembrados.

“Da/ vida/ não se espera resposta” (FONTELA, 2015, p.329). Esses são os versos do poema “Carta” que está no livro “Teia”, o último publicado em vida por Orides, que parecem

de uma inocência, de uma sutileza que quase se apaga e que a uma reflexão mais profunda abre possibilidades de leituras e apontamentos que podem se estender por muito mais que três linhas.

Marilena Chauí (2020)<sup>12</sup> mostra com clareza as possibilidades de leituras que os versos oridianos permitem ao ler o poema “Da metafísica ou da metalinguagem” que, levando em consideração a separação dos versos pode ser lido ‘o que é/ o que/ é’ ou em leitura direta ‘o que é o que é’ ou o que é/ o que é’ ou ‘o que é o que/ é’. Os cortes são uma característica frequente dos poemas oridianos e a forma de leitura pode sugerir novos rumos interpretativos.

Lopes (2014) ao escrever sobre a delicadeza diz que ela é um gesto que vai rumo ao menor, que não se confunde com ser desimportante, e sim ‘menor’ por se afastar de gestos inflamados, “a delicadeza reside e resiste na procura de sutileza, do meio tom, daquilo que mal se vê (...)” (LOPES, 2007, p.162) e sua primeira percepção vem da melancolia como uma sensibilidade de apreender o que constantemente se rarefaz a um olhar apressado e cansado. (idem, p.161-162)

Esse movimento de reinvenção do cotidiano, de economia de gestos, de olhar para o invisível evidenciando-o é verificável na obra de Orides Fontela, sobretudo nos seus poemas curtos, “rápidos e rasteiros” (apud Matos, 2019, p.65), em que consegue cristalizar ideias e imagens em poucas palavras. “- é proibido/ voltar atrás/ e chorar. ” (FONTELA, p.330) esses são os versos do poema “Mão única” que se não estivessem nesse lugar de poesia poderiam facilmente serem confundidos com uma frase de uso doméstico.

No entanto, no espaço do poema, as palavras são exploradas em sua potencialidade de sentido. Pode-se falar dessa proibição como uma impossibilidade de voltar no tempo, ou restabelecer a vida a partir de um ponto. O choro é inútil porque não há como modificar o passado. “Ao se defrontar não com os momentos e sentimentos excepcionais, a tarefa da delicadeza é a difícil e diária reinvenção do cotidiano.” (LOPES, 2007, p.164) porque sua tarefa é dar ao já conhecido, novo lugar de florescimento.

Melo (2015) ao analisar o princípio de luto e delicadeza na poesia de Eucanaã Ferraz traz duas imagens para ilustrar como a delicadeza se manifestaria: a primeira é a imagem de um juiz que morre no colo de seu neto, uma criança (MELLO, 2015, p.121) e a segunda está no poema “Pai” em que o filho recolhe os restos do corpo de seu pai, morto em uma mina. (idem, p.122). Além do luto, semelhantemente há nas duas imagens duas existências que se confundem e se misturam em sua continuidade.

---

12 CHAUI, Marilena. Orides e a filosofia. *Dossiê Orides Fontela*. Cult 255, 37- 42, 2020.

O homem que encontra a morte em sua extrema velhice, descansa sua cabeça no colo de uma criança, que ainda está no início de sua vida. Há um encontro entre morte e vida, início e fim. “(..) o velho Bias, ao morrer no colo de seu neto dá um fim inesperado ao julgamento, ao mesmo tempo em que tem sua última velhice acolhida por uma criança.” (apud MELO, 2015, p.121). A delicadeza está nessa morte serena, o homem simplesmente inclina sua cabeça em direção ao colo do neto e falece. Há de certa forma um apaziguamento da tensão que acompanha a ideia de morte, não há violência e nem sofrimento, ela acontece de forma quase imperceptível enquanto o julgamento prossegue e termina por uma decisão favorável ao velho Bias.

No poema, a morte se apresenta com outra face. O filho recolhe o corpo triturado de seu pai, restos que um dia abrigaram a alma daquele que o chamou de filho. “No chão tenro do rio/ misto de areia e restos de alagadiço. // pus teu corpo, / triturado. // limalha da velha Minas/ ímã que já não prendia nenhuma alma.” (apud MELLO, 2015, p. 122). A violência da desintegração do corpo é vista nos cortes do poema e a delicadeza aqui se manifesta na sutileza do encontro entre ausência e presença. Não há um corpo, somente pedaços “teu corpo moído, pesado, que/ parecia um punhado de conchas” (idem, p.122), mas esses restos são do corpo do pai, então é o pai que está ali. Ao final, “O chão do Rio ganhou mais peso, /outra geologia” (idem, p.122), não há mais restos do corpo, nem pai, porque a matéria se mistura com o fundo do rio, transformando-se em outra composição.

A delicadeza está nesse olhar que consegue enxergar uma brandura na morte e uma presença para além da matéria palpável. O delicado traça um caminho de leitura, cujos passos fixam-se no que não grita, mas se acomoda em silêncio, do que não se mostra, mas cobre-se em possibilidades. A delicadeza não está na morte do velho Bias e sim na tênue imagem do seu acolhimento por uma criança em pleno vigor de vida, não está na violência da destruição do corpo, e sim na manifestação da presença do pai para além da morte.

As palavras nos poemas de Orides Fontela iluminam-se através desse olhar direcionado às miudezas, buscam na carne, no sangue sua origem profunda, renascendo em vitalidade e força. Tal como essas imagens, elas só se revelam aos atentos, aos que pacientemente se debruçam sobre a tarefa de esgarçar e tencionar os fios, desfazendo o novelo para depois refazelo.

## 7 NOTA ÍNTIMA SOBRE A DELICADEZA

### PAI

No chão tenro do Rio,  
misto de areia e resto de alagadiços,

pus teu corpo  
triturado,

limalha da velha Minas,  
ímã que já não prendia nenhuma alma.

Pus ao pé de uma árvore,  
perto do mar,

teu corpo moído, pesado, que  
parecia um punhado de conchas

que se macerou insistente,  
violentamente.

O chão do Rio ganhou mais peso,  
outra geologia.  
(apud Mello, 2015, p.122)

A primeira vez que li esse poema foi para buscar aproximações com a minha pesquisa. Naquela ocasião, debruçada sobre o poema tentava alcançar alguma interpretação, um sentido. Os versos pareciam falar de uma experiência tão íntima, a qual eu era incapaz de violar com apontamentos.

Segui pelos fios dos versos, tecendo elos e acreditando ao fim tratar-se da morte em seu aspecto de transmutação. Os restos do pai misturaram-se ao rio, o corpo triturado indicava uma presença ameaçada, sem alma, só matéria.

Meses depois retomei o poema, eram outros tempos, meu pai já havia feito a passagem, eu presenciava o silêncio do luto, as perturbações das lembranças e a difícil missão de conseguir enterrá-lo andavam lado a lado comigo e não me deixavam inclinar-me ao sossego.

Todos os dias eu estava lá, naquele domingo, “em pensar que a última coisa que fazemos pelos nossos pais é preparar seu enterro”, alguém comentou, era preciso escolher o caixão, a roupa, a coroa de flor, “seu pai era magro, se for pode ser qualquer um desses aqui”, disse o funcionário da funerária, enquanto meu olho passava de urna em urna e meus ouvidos fitavam o silêncio daquele corredor imenso e escuro.

A espera pela chegada do corpo do meu Pai parecia não ter fim, aquela seria sua última viagem, sentados no chão em frente a funerária conversávamos sobre qualquer coisa que desviasse a tensão do momento, meu irmão passava a mão na cabeça, olhos secos e profundos,

meu pensamento estava na sala de preparação, “cuidem bem do meu pai, deixem ele bonito”, eu pedi, e o moço com tanta humanidade me disse para não preocupar-me, iam fazer tudo que podiam para que as marcas de um corpo vazio, já há mais de doze horas, não aparecesse.

“Está pronto, podem vir vê-lo”, disse o rapaz, e senti meu corpo gelar, era a hora da constatação, de encarar a morte vestindo meu Pai. Até aquele momento o choro não tinha me encontrado, “só acredito quando eu ver”, mas tudo não passava de mentiras que eu queria contar para mim mesma. Ele estava morto. Eu sabia, eu sentia.

Por tantas vezes eu velei o meu Pai, “é uma sorte ele ainda estar vivo, no próximo infarto ele não escapa”, advertia o médico, e a cada vez que eu o via ele estava mais magro, mais pálido, com menos vida. Todos os dias eu sabia que poderia ser o último, “você vem no meu aniversário? ”, respondi que sim. Não fui. A correria dos dias, o acúmulo de tarefas, apagou seu pedido e eu, vesti-me de remorso, por ter perdido a oportunidade de estar com ele pela última vez.

Florezinhas amarelas cobriam seu corpo, em sua mão o boné que usava para esconder sua calvície, seu rosto escurecido, as marcas de quem trabalhou toda uma vida debaixo do sol estavam mais aparentes. Busquei alguma indicação de paz em seu rosto, não vi. Toquei sua mão fria, “vai com Deus, Pai”, soluços apertaram meu pai, “vamos então, é melhor enterrar logo”.

Eu tinha pressa, não queria que ninguém comentasse do odor da matéria se desfazendo, não queria guardar aquele cheiro na memória. Meu Pai nunca deu importância para esses rituais, nem de nascimento nem de morte. “Quando eu morrer pode me jogar em qualquer lugar”, dizia, e naquele momento tudo que eu queria era manter a dignidade daquele corpo, inabitado, ‘imã que já não prendia nenhuma alma’.

Queria saber como tinha sido seu último dia, por escolha da solidão ele morreu no mais completo silêncio, só foi encontrado no dia seguinte. Aquilo parecia uma judiação, estava preparando sua janta, “a comida ficou no fogo, tudo podia ter sido incendiado junto com o corpo dele”, comentaram. Na panela um arroz com mandioca, a panela de feijão esperando na mesa, a casa tinha telhas arrancadas pela última chuva, um cenário de abandono.

“Seu pai viveu a vidinha dele do jeito que ele queria”, um dizia, “o Cidinho não gostava que mexiam nas coisas dele”, apontava outro, “ele queria viver sozinho” comentavam. E eu em completo silêncio absorvia tudo. Como eu não intervi, como eu deixei as coisas chegarem a esse ponto, como, como... E as indagações não cessavam.

Não tive tempo de chorar, maior era o remorso, ter que mexer nos pertences dele, invadir sua intimidade, juntar os documentos, as lembranças. A peneira que o acompanhou em muitas

colheitas de café pendurada na parede, a sacola repleta de remédios, um facão e uma lanterna amarrados junto à cama, reflexos de um homem que trazia marcas de uma vida levada a ferro, fogo e terra.

Eu precisava enterrá-lo, mas não conseguia. A existência dele foi tão confusa que eu não conseguia defini-la. Quem tinha sido aquele homem, quais atitudes poderiam salvá-lo do esquecimento. Uma pessoa de tão difícil trato, que colecionava histórias de machismo e arrogância, que ao menor sinal de contradição virava a cara e que o respeito vinha com o medo.

Mas ele era meu Pai, o mesmo que decorava minhas canetas com páginas de calendário e de revistas, que estourava pipoca batendo os dedos na tampa da panela, que guardava todos os cartões da escola com recados do dia dos pais, das mães, da família, que ralhava comigo e me deixava ralar com ele, que me permitia o abraço e a benção. Sutilezas.

Eu estava na mina, recolhendo os restos do meu pai, tudo aquilo que ele foi um dia, buscando reconstituição do seu corpo, da sua presença. A partir da falta dele uma nova compreensão, sensação apossou-se de mim.

As palavras pesavam, eu estava ali, no rio, vendo as partes misturarem com a areia, sentindo a violência do momento da morte e o silêncio do poema, que é uma agonia, uma busca, uma vontade de reestabelecimento da existência do Pai que supere o fim da sua vida.

‘Pus ao pé de uma árvore, / perto do mar’ em uma atitude de delicada cortesia e carinho. A matéria são os vestígios que embora não possua mais um espírito que o ânime, afirmam a passagem do pai pela terra.

As areias, os alagadiços, o rio que se misturam ao corpo, formando outra geologia, quer dizer outra composição, trazem o mesmo sentimento de depositar o corpo abaixo da terra, entregue as leis da natureza que o decompõe e passa a ser parte da composição daquele lugar.

Voltar ao poema após a experiência de perder meu pai me fez vivenciar a delicadeza tal qual eu quis afirmar no estudo. Ela agindo não como um fator objetivo de estabelecer interpretações, mas atuando como uma sombra que se revela a partir de experiências íntimas. Nesse espaço único, que habito agora e não mais o habitarei da mesma forma em outro momento, teço ligações com o poema a partir do meu olhar e da minha presença corporal, de sangue, memórias e carne.

Amanhã, retornando à leitura do poema, outros sentimentos podem me acometer, outras palavras específicas podem romper a barreira da superficialidade, de uma forma ou outra, o que está a atuar nessa experiência são os vestígios, os elos que tecemos, o sentimento de pano de fundo, a ausência, o silêncio, os desvios de interpretação dos versos, as aberturas possíveis, a descrição, os detalhes.

Assim como tantas outras leituras literárias nos marcam ao longo da vida, esse poema certamente, sempre que relido conduzira minha memória para esse momento tão delicado, doloroso e significativo. Ele me marcou a partir dessa experiência do luto, e marcando-me ajudou-me a compreender o momento e a reordenar os fatos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Alexandre de Melo. **Orides Fontela**: A poética do retorno. Revista eletrônica Darandina – Programa de Pós Graduação em Letras / UFJF- v. 2, n. 2, p.1-12.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **Antologia Poética**. Org. pelo autor. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Oswald de, 1890-1954). **Obras completas [por] Oswald de Andrade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Arte poética I**. Publicada originalmente em 1962. Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/galeria/artes-poeticas/arte-poetica-i1.html>. Acesso em 01 de fevereiro de 2022.
- ARRIGUCCI JR., Davi (2005). **Na trama dos fios, tessituras poéticas** (depoimento a Cleri Aparecida Biotto Bucioli e Laura Beatriz Fonseca de Almeida). Jandira, Juiz de Fora, n. 2.
- BARROS, Manoel de, 1916-2014. **Menino do mato**. 1ª ed. — Rio de Janeiro: objetiva, 2015.
- BARTHES, Roland (1915-1980). “A delicadeza” in **O neutro**: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978. São Paulo, Martins Fontes, 2003, p.65-80.
- BORGES, Contador. **A surpresa do ser**. Cult 28,38-40, 1999. [https://doi.org/10.1016/S0160-9963\(01\)80015-7](https://doi.org/10.1016/S0160-9963(01)80015-7)
- BUCIOLI, C. A. B. “Orides Fontela: destecer/ retecer, artifícios de uma poética”. In: **Análise literária**: tendências contemporâneas. Cleudemar Alves Fernandes, João Bosco Cabral dos Santos. (Org.),2003.
- BUCIOLI, Cleri Aparecida Biotto (2003). **Entretecer e tramar uma teia poética**: a poesia de Orides Fontela. São Paulo: Anablume; Fapesp.
- CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**: Lições Americanas. Trad.: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das letras, 1990
- CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. São Paulo, Editora perspectiva, 1969.
- CANÇADO, José Maria (1996). **A eutanásia da biografia**. Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno Mais, p. 12,12 maio.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARVALHO, Ricardo Souza de. **Albas e antilogias da poesia brasileira contemporânea**: um ensaio sobre Orides Fontela e Sebastião Uchoa Leite. Teresa, revista de Literatura Brasileira

[10/11]; São Paulo, p. 192-201, 2010. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2010.116858>

CASTRO, Gustavo de. **O enigma Orides**. São Paulo- SP. Editora Hedra LTDA, 2015.

CHAUI, Marilena. “Orides e a filosofia”. In **Dossiê Orides Fontela**. Cult 255, 37- 42, 2020.

**Colóquio Orides Fontela: 50 anos de Transposição - Mesa 4** (18.10.2019) Acesso em: 17/03/2021. Disponível em: <https://youtu.be/AdIo9WHKXLQ>

COSTA, Alexandre Rodrigues da. **A construção do silêncio: um estudo da obra poética de Orides Fontela**. (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2001.

COSTA, Erick Gontijo. **Poema do pensamento: as “Artes poéticas” de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Revista do CESP, Belo Horizonte, v. 38, n. 60, p. 25-41, 2018. <https://doi.org/10.17851/2359-0076.38.60.25-41>

FELIZARDO, Alexandre Bonafim. **Orides Fontela: A palavra entre o ser e o nada**. Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade de Guairacá, v. 1 (Jul. 2009), p. 129-142, 2009.

Fontela, Orides (1940-1998). **Poesia completa/ Orides Fontela**. Org. Luís Dolhnikoff. São Paulo: Hedra, 2015.

MATOS, Nathan. **Orides Fontela- toda palavra é crueldade**. Belo Horizonte, MG. Moinhos, 2019.

GUEDES, Alexandra de Oliveira. “A poesia etérea de Orides Fontela: o pássaro como símbolo de ascensão”. In: **Recortes Críticos: leituras e leitores**. CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da, FERREIRA, Josye Gonçalves (org) . — Rio de Janeiro: Bonecker, 2020.

Bachelard, Gaston, 1884-1962. **A água e os sonhos : ensaio sobre a imaginação da matéria; [tradução Antônio de PáduaDanesi]**. - São Paulo : Martins Fontes, 1997. - (ColeçãoTópicos).

LAVELLE, Patrícia. “O que o tempo transmite e subverte: heranças de Orides em seus 80 anos.” In **Dossiê Orides Fontela**. Cult 255, 24-27, 2020.

LIMA, Maria José Batista de.. **Orides Fontela: aspectos da fortuna crítica**. (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, 2010.

LISBOA, Henriqueta, 1903-1985. **Luz da lua: antologia poética de Henriqueta Lisboa**. QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de (org.). — 1ª ed. — São Paulo: Uno Educação, 2009.

LOPES, Denilson. **Figuras e gestos da delicadeza**. Revista de estudios literarios latino-americanos. Nº 1. Ano 1. Universidad Nacional de Tres de Febrero, 161-171, 2014.

LOPES, Silvina Rodrigues. “A literatura como experiência, A poesia, memória excessiva”. *In: Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.

MARQUES, Ivan (2000). **Orides**: a um passo do pássaro (documentário). São Paulo: TV Cultura, 26 maio 2000. Disponível em: <https://youtu.be/19XbX8JTMXI>. Acesso em: 17/03/2021.

MARQUES, Ivan. “Aristocrata Selvagem”. *In Dossiê Orides Fontela*. Cult 255, 28-30, 2020.

MARQUES, Ivan. **Escuríssima água**. Cult 28, 41-44, 1999.

MASSI, Augusto (1986). **Uma obra feita em espiral**. Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno Ilustrada, p. 61, 9 ago.

MATOS, Olgária. “O breviário do ser”. *In Dossiê Orides Fontela*. Cult 255, 32-34, 2020.

MELLO, Marcelo Reis de. **Morto no colo da criança**: princípio de delicadeza, luto e a poesia de Eucanaã Ferraz. Revista Lument et Virtus, Vol VI, Nº 14, 119-131, dez/2015.

MURRAY, Roseana. **Manual da delicadeza de A a Z**. Ilustrações de Elvira Vigna. — São Paulo: FTD, 2001. — (Coleção falas poética).

OSAKABE, Haqira. **O corpo da poesia**: notas para uma fenomenologia da poesia, segundo Orides Fontela. Remate de Males, v. 22, n.22, p. 97-109, 2002. <https://doi.org/10.20396/remate.v22i2.8636161>

SIMIONATO, Aparecido Carlos. **Corpo silencioso**: o vazio na poesia de Orides Fontela. (Dissertação Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS, 2012.

SOTTILLI, Tiago Andrea. **A palavra é densa e nos fere**: trabalho e arte na poesia de Orides Fontela. (Dissertação Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, UnB, 2014.

SOUSA, Cruz e, 1861-1898. **Obra completa**: poesia. JUNKES, Lauro (org.). Jaraguá do Sul: 2008. V.1 (612 p.)

STAUT, Alexandre. “As várias faces de Orides Fontela” (entrevista com o jornalista e escritor Gustavo de Castro). *In SP Review*, 17 janeiro de 2016. Disponível no [link](#). (acesso em 13/01/2022).

VILAÇA, Alcides. **Símbolo e acontecimento na poesia de Orides Fontela**. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, n. 34, 1-11, 1992.

VILLAÇA, Alcides (1996). **O silêncio de Orides**. Folha de S. Paulo, São Paulo, Jornal de Resenhas, p. 7, 12 jul.

ZUMTHOR, Paul (1915-1995). **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1º ed. Cosac Naify Portátil, São Paulo, 2014.

